

GT 04 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRIATIVAS E INOVADORAS**“A GENTE É A BRINCADEIRA”: A RODA COMO VIVÊNCIA DA CRIATIVIDADE NO COLETIVO**Jonathas Vilas Boas de Sant’Ana¹
João Henrique Suanno²**Resumo**

A criatividade é um bem social que ajuda a viver, é resultante da interação sociocultural e sobrevive nas culturas dos diferentes povos (TORRE, 2008). A sociedade atual carece de iniciativas que promovam o desenvolvimento criativo. A educação escolar é um possível campo de formação de pessoas criativas em comunidade (SUANNO, 2013). Neste cenário, este trabalho tem por objetivo discutir a prática da roda cotidiana na Escola Pluricultural Odé Kayodê como espaço de construção da criatividade de crianças e adultos. Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado “A dinâmica intercultural de uma escola criativa: um estudo de caso no contexto do pensar complexo e transdisciplinar”, inserida no contexto da Rede Internacional de Escolas Criativas. A prática discutida parte das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras para valorizar a coletividade e a partilha comunitária feita na roda. Todos os dias o início das atividades da escola é o coletivo, o olhar, tocar, sentir, escutar e falar um ao outro, com adultos e crianças aprendendo na roda a despertar o potencial criativo. Resgatamos registros de algumas vivências na roda para exemplificar como as diferenças culturais são tomadas como vantagem pedagógica (CANDAU, 2012) a promover a criatividade, como ocorreu no dia em que se discutia a possibilidade de criar brincadeiras as mais diversas e uma criança abstraiu que não é necessário ter brinquedos para brincar, já que “a gente é a brincadeira”. Esta fala demonstra o sentido das emergências criativas da roda, a partilha criadora e estimuladora da imaginação, do autoconhecimento, da intuição, do engajamento, da religação rumo a uma racionalidade transdisciplinar e sensível na formação do ser criativo (SUANNO, 2016). Consideramos que esta vivência se destaca como prática inovadora e criativa que emerge por conta dos referenciais culturais contra hegemônicos da instituição, pois valorizam a partilha e o espírito de inventividade e aprendizagem no coletivo.

Palavras-chave: Educação escolar; Criatividade; Diferenças culturais.

Existe vida no singular? Seria possível que um único composto químico existente no solo fosse considerado por si mesmo como totalizante da realidade viva do mundo? Pode um ser possuir vida isolado em uma realidade em que há apenas outros seres não vivos? É possível educar no

¹jonathasvilas@hotmail.com

²suanno@uol.com.br

singular? Um sujeito sozinho no mundo é capaz de produzir por si mesmo todas as habilidades das quais necessita para se orientar na vida? Afinal, a existência humana é produzida em si mesma sem relações com o contexto do mundo ao seu redor?

Estas perguntas fazem pensar nas condições da vida, da existência humana e de suas possibilidades de desenvolvimento. Morin (1977), ao refletir sobre a natureza da vida, evidencia que onde há vida sempre existe multiplicidade, pluralidade e diversidade. Para o autor, qualquer unidade de vida é uma organização constituída de mais de um elemento, sendo isso condição para que haja vida. E em todo tipo de organização viva, seja um organismo individual, um ecossistema ou uma organização social, há “o encadeamento em circuito desta dupla proposição: a diversidade organiza unidade que organiza a diversidade” (MORIN, 1977, p. 112). Ou seja, mesmo que enxerguemos a emergência da vida de modo singular em apenas um elemento ou composto da natureza, esta vida é de fato uma construção que se dá a partir da organização de certa diversidade.

Capra (2002) ajuda a entender também que além de todos os organismos e sistemas vivos serem compostos por uma complexidade que abriga simultaneamente unidade e diversidade, a vida não é possível no isolamento, mas se dá na interdependência. Todas as estruturas biológicas se inserem em relações de maior ou menor grau com outras estruturas e com o ambiente no qual estão inseridas. Este fato biológico inspira também a compreensão sobre as relações sociais dos seres humanos. A vida se dá sempre no coletivo, mediante a capacidade de estabelecer interações construtivas com a realidade objetiva e com outros sujeitos sociais, em um processo de contínuo desenvolvimento.

Aprender e se desenvolver, neste sentido, são processos entrelaçados à lógica complexa de relação entre diversidade e unidade, entre aquilo que é particular e aquilo que é social. O humano vai se constituindo como tal na medida em que interage com seus pares e aprende com eles modos de conceber a realidade, modos de estruturar informações e modos de agir no mundo. Em outras palavras, a existência humana como fenômeno complexo está centralmente ligada ao coletivo.

Tomando como ponto de partida a filosofia ubuntu como uma das possibilidades culturais africanas de dar sentido à existência do ser humano no mundo, entendemos que ser gente não se dá na separação radical entre individualidade e coletivo. O próprio significado do termo ubuntu, de origem bantu, é a revelação de que “eu sou porque tu és’ ou ‘eu sou porque nós somos’. A humanidade da existência de um humano só é manifesta quando este reconhece a humanidade dos outros” (SANT’ANA, 2015, p. 12). Isto é, somos humanos somente por meio da humanidade dos outros, uma pessoa tem sua existência intrinsecamente conectada à coletividade. Não é possível ser

gente no isolamento, na exclusão do social e na autoprodução da cultura e do desenvolvimento individual. Ser gente é ser parte do todo da humanidade.

Escondidas nestas culturas hierarquizadas como inferiores pela colonialidade moderna (QUIJANO, 1992) estão também potencialidades pedagógicas múltiplas e profundas, estão outros sujeitos com suas pedagogias outras, como nos diz Arroyo (2012). É nesta perspectiva que este trabalho tem como objetivo discutir a prática da roda cotidiana na Escola Pluricultural Odé Kayodê como espaço de construção da criatividade de crianças e adultos. Para tanto, no primeiro momento do texto, evidenciamos que a dinamicidade circular na escola citada emerge da fundamentação nas culturas indígenas e africanas com seus modos de aprender e ensinar. Em seguida discutimos como a prática da roda potencializa a criatividade individual e coletiva dos sujeitos participantes. Por fim, consideramos que a valorização das culturas africanas e indígenas pode apresentar caminhos plurais para o sistema educacional hegemônico atual em exaustão.

A diversidade cultural da invisibilidade à potência pedagógica

A escolarização brasileira hegemônica tem uma formatação ocidental emergente da cientificidade moderna com suas características disciplinares, fragmentárias, racionalistas, excludentes e monoculturais. Os corpos não padronizados e desviantes do modelo ocidental de humanidade são narrados sob a ideia de hierarquização e inferioridade diante de uma escola estática, rígida e pautada em uma perspectiva universalista e iluminista, como afirma Candau (2012).

Sant’Ana e Lopes (2015, p. 17-18) são incisivos ao afirmar que

[...] os conteúdos, os modos e as finalidades escolares continuam fundamentadas numa única visão cultural, etnocentrada em referenciais europeus, e que busca, de maneira análoga à educação jesuíta, “converter” os sujeitos advindos da diversidade num único padrão “superior”. [...] o problema educacional é justamente o modelo escolar vigente. Não há reformas ou legislações capazes de solucioná-lo. Continuar investindo neste modelo é validar o obsoleto, o ineficaz, o colonial, o excludente.

Assim, percebemos que a invisibilidade da diversidade cultural no âmbito escolar é questão não somente superficial, relativa aos conteúdos que compõem os currículos. Mais do que isto, a pluralidade de culturas do mundo é negada na própria raiz do modelo pedagógico escolar atualmente hegemônico. Sendo assim, é urgente abrir outras vias para pensar o processo educativo desde uma perspectiva que concebe a diversidade cultural como potência pedagógica criadora de caminhos outros na educação.

É neste sentido que nossa pesquisa de mestrado caminha tendo como título “A dinâmica intercultural de uma escola criativa: um estudo de caso no contexto do pensar complexo e transdisciplinar”. O estudo se dá por meio de observação, entrevistas, rodas de conversa e análise documental na Escola Pluricultural Odé Kayodê (EPOK) que tem caráter particular comunitário e se situa na Cidade de Goiás – GO. O presente trabalho é um recorte desta pesquisa para apontar uma prática pedagógica que potencializa a formação de pessoas criativas por meio da vivência coletiva em roda.

A EPOK se preocupa em valorizar as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras como constituintes da identidade das crianças que estudam ali. Todavia, percebemos que mais do que falar sobre a diversidade cultural, a escola constrói sua proposta pedagógica fundamentada em princípios das culturas de matriz africana e indígena. Uma das questões daí emergentes é a proposição de uma pedagogia em roda inspirada na perspectiva de circularidade existente nas culturas fundantes da instituição. Pinheiro (2015, p. 1) afirma sobre a escola:

A proposta é educar em “roda”, forma que possibilita a diversidade ser olhada, ouvida e reconhecida como riqueza a ser aprendida. Vivência e aprendizagem contribuem para a formação de um ser humano consciente e mais feliz. Privilegia-se o aspecto relacional e experiencial, nas vivências e nos processos de aprendizado e construção dos saberes. Isso possibilita a transformação do conhecimento em sabedoria. As atividades são pensadas de forma a tornar o processo de aprendizagem prazeroso e sem rupturas. Prioriza-se na metodologia as Artes e as Culturas, por acreditar que essa seja uma maneira importante para construir o conceito de cidadania, de respeito, e ao mesmo tempo, desvendar um novo mundo possível às crianças, diferente das condições adversas a que elas estão acostumadas.

A afirmação da roda como proposta educativa da escola parte do reconhecimento da riqueza da diversidade cultural advinda dos povos africanos e indígenas, que tem sua organização social em muitos casos pautada pela circularidade, seja na construção de suas moradias arredondadas em disposição circular ou ainda pela constante reunião em roda. Nas entrevistas realizadas com os educadores da EPOK tem ficado bastante evidente a ideia da roda enquanto modo de pensar a coletividade de modo que ninguém seja excluído, mas que cada um consiga olhar e sentir o outro sem deixar de reconhecer seu lugar e importância em meio ao coletivo.

Entendemos que esta perspectiva vai na direção de afirmar aquilo que Candau (2012) fala sobre a necessidade de entender a diversidade como vantagem pedagógica. No caso da escola estudada, a abertura radical à pluralidade cultural do mundo permite que o processo pedagógico seja pensado e vivenciado de maneira circular tanto na dimensão curricular quanto nas práticas

cotidianas. Assim, as culturas africanas e indígenas saem do espaço de invisibilidade e passam ao papel de promotoras de uma escola que promove a criatividade de crianças e adultos em diversos momentos, dentre os quais destacamos a roda do Bom Dia que ocorre todos os dias no início das atividades.

A vivência cotidiana da criatividade na roda

A Escola Pluricultural Odé Kayodê tem atividades matutinas regulares com 43 crianças desde a educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental. Diariamente o início da manhã acontece no coletivo de todos os estudantes e educadores com uma grande roda chamada de Bom Dia, que pode acontecer na Sala Passaredo, na Praça do Sol ou na Casa da Lua. Esta roda dura em média uma hora e tem flexibilidade nas atividades desenvolvidas. Não se trata de um momento de acolhida, mas de um espaço de formação em várias dimensões.

Na circularidade das vivências cotidianas nessa roda há espaço para fruição de músicas e poemas, para brincar e conhecer brinquedos, para discutir conflitos coletivos, para organizar as atividades do dia, para debater um assunto da atualidade, para conversar sobre valores de convivência saudável, para ouvir cada um falar sobre seus sentimentos e vivências pessoais. Sant'Ana e Suanno (2017, P. 10) ressaltam alguns elementos significativos sobre esta prática da EPOK:

Nesta ambiência cada um dos sujeitos articula suas experiências, expectativas, objetivos, sentimentos, planejamentos e sentidos para as atividades a serem dinamizadas naquele dia na escola. É uma estratégia sistemática de integração das pessoas, mas, muito além de ser parte da rotina da escola, é um cotidiano em que o foco está na relação, no entreolhar uns aos outros horizontalmente, em sentir o espaço, criar vínculos, negociar ideias e propostas, repensar a si mesmo e ao mundo. [...] Com inspiração na circularidade existente nas culturas africanas e indígenas, na roda vão se tecendo relações, significados, um vai cuidando do outro, falando com o outro, criando conflitos, gerindo a si mesmo, reconhecendo seu espaço e o espaço do outro, fazendo uso da voz, do silêncio e da escuta. É uma prática cotidiana que possibilita e fortalece a conexão entre as pessoas criando redes em que cada um se forma e forma os outros por meio do espaço, da vivência, da criação, da reflexão. Na convivência entre as pessoas e seu espaço provoca-se a sensibilidade estética, o deslumbramento, a ludicidade, a leveza de viver caçando alegria no encontro entre as diferenças.

Na roda há espaço para a criação coletiva, em que um vai falando e despertando no outro a descoberta de possibilidades, por meio da interação social que associa coletivo e individual. É um desafio diário para que educadores e educandos se relacionem e mutuamente contribuam para

enxergar a realidade desde outras vias, superando aquilo que está posto e ressignificando o cotidiano. Na conversa, na brincadeira, na provocação às respostas e à formulação de novas perguntas o pensamento de todos os presentes vai tecendo novas estruturas que viabilizam a transformação individual e coletiva.

O registro seguinte de parte de uma conversação entre uma educadora e as crianças sobre brinquedos na roda permite visualizar a potência deste espaço e tempo de criação coletiva e individual.

- [educadora] Deixa eu ver o que que tem mais na minha caixa aqui. A gente tava falando ontem e o ontem foi curto pra falar, que pra gente brincar, a gente não precisa necessariamente ter um brinquedo, né Heitor?
- [criança 1] A gente é a brincadeira.
- [educadora] A gente pode inventar o brinquedo ou a gente pode ser o brinquedo.
- [criança 1] A gente que é o brinquedo.
- [educadora] Pode inventar uma brincadeira também, não pode? Criar o brinquedo... O Heitor ontem, ele tava com um arco de papel assim que ele falou que foi ele que fez [...] ele que tá criando os brinquedos lá, não é Heitor?
- [criança 1] Eu tô criando minhas brincadeiras.
- [educadora] E às vezes a gente nem precisa do brinquedo, só a imaginação.
- [educadora] Brincar com o brinquedo também é interessante, mas construir o brinquedo não foi interessante?
- [criança 1] Ô tia, quando eu tô cansado e não quero fazer nada, aí eu vou lá e pego minhas pulseiras e dou pra cada um da casa pra ver quem quer.
- [educadora] Suas pulseiras? Você que fez as pulseiras?
- [criança 1] Aham!
- [criança 2] Ô tia!
- [educadora] Oi?
- [criança 2] Ah, deixa pra lá!
- [educadora] Não, eu quero ouvir agora! Você também faz seus brinquedos, suas brincadeiras? Ahn? De que que você brinca lá na sua casa?
- [criança 2] Eu pego, eu tenho muitas tábuas lá em casa. Aí eu pego as tábuas e fico fazendo casinhas.
- [educadora] Hm, aí faz assim que fica fechadinha? E de gangorra, você já brincou? Você coloca assim o tijolo, alguma coisa, aí põe assim e senta e faz a gangorra? Tem que tomar cuidado, mas aquele é muito legal.

Nota-se neste trecho registrado durante uma roda do Bom Dia que a educadora parte da temática de brinquedos e brincadeiras para motivar as crianças a participarem da discussão. Mais do que despertar o desejo da participação, a educadora desafia as crianças para que compartilhem algo de novo com todo o grupo. Insere suas próprias vivências lúdicas no contexto, criando aproximações com os estudantes e estimulando aqueles com maior timidez a participarem na roda sem medo de julgamento ou de rotulação quanto a suas respostas.

Percebemos que nestes momentos partilhados na roda é presente um clima criativo como atmosfera que envolve a todos os presentes. Torre (2008, p. 40-41) contribui para entender este tipo de clima no contexto escolar:

Respeitar o *pensamento divergente* das crianças, não julgar suas ideias prematuramente (adiar o julgamento), utilizar procedimentos flexíveis na sala de aula e liberdade para expor as ideias, etc., são o caminho para conseguir um ambiente de segurança psicológica.

Embora o autor cite o ambiente específico da sala de aula, é evidente que todo o espaço escolar pode ter um clima criativo quando os temores e inibições são superados e no lugar disto o ambiente colabora para a expressão livre e espontânea dos pensamentos das pessoas envolvidas nas relações educativas. Assim, entendemos que a roda que acontece todas as manhãs na EPOK tendo como referência as culturas indígenas e africanas é permeada por um clima criativo razoável e constantemente estimulado por educadores que agem como mediadores e impulsionadores das ideias e expressões das crianças.

Assim, a roda se apresenta como vivência coletiva da criatividade desenvolvida internamente em cada pessoa e pulsante na interação e colaboração circular. Um contribui com a ideia de outro apresentando questões e sínteses que desafiam o grupo e possibilitam o fortalecimento de conhecimentos e habilidades de todos. A partilha comunitária feita na roda com o impacto em diversas dimensões do ser humano e por meio de distintas linguagens impulsiona à formação de seres humanos inteiros, habitados por corporeidade, emoções, espiritualidade, intelecto, memórias. Ao construir um ambiente seguro para a experiência da troca de afetos e pensamentos, a escola propicia elementos que contribuem no desenvolvimento do ser criativo.

As palavras de Suanno (2013, p. 83) sobre cenários de desenvolvimento da criatividade no contexto escolar dimensionam um pouco daquilo que é vivenciado cotidianamente na EPOK:

O ambiente dá a impressão de que não há limites que contenham tanta elaboração e construção de novos conhecimentos; desta forma, perde-se a visão concreta das paredes e parte-se para um espaço virtual-abstrato imensurável onde ocorrem as aprendizagens, o espaço do eu compartilhado com o novo conhecimento e com o outro que compartilha consigo esse momento de aprendizagem. As pessoas transcendem, os pensamentos se extrapolam e se encontram na socialização do conhecimento. São todos juntos e misturados, preservando as subjetividades que se constroem a partir dessas relações.

O que notamos na roda construída no desafio de todos os dias da Escola Pluricultural Odé Kayodê é que embora haja rotina, não há repetição. As pessoas são as mesmas, o espaço pode se

repetir, a criatividade sempre aparece como valor, mas as abordagens variam, os elementos de discussão mudam, assuntos diferentes são valorizados, distintas brincadeiras se realizam e novos conhecimentos são ativados.

A roda enquanto proposta de distribuição do tempo e do espaço (TORRE, 2008) não tem uma receita para dar certo, mas acontece no terreno escorregadio das emergências da vida, sem negar a potência do movimento do mundo, mas catalisando diferentes pessoas com suas histórias, ideias, desejos, habilidades e dificuldades a fim de se enxergarem no coletivo enquanto sujeitos únicos. O circular potencializa o curso da vida, constrói ambientes de pulsão daquilo que já está presente em cada uma das crianças enquanto potencial criativo suscetível de desenvolvimento. Não é que a escola produza criatividade no interior das crianças, mas seu papel é vital para despertar e desenvolver aquilo que já faz parte de suas vidas enquanto seres humanos plurais.

Nesta direção, entendemos que a vivência da roda na escola analisada integra uma educação criativa e transformadora que supera os limites formais da instituição na medida em que o que se torna mais relevante nos processos educativos são as relações humanas. De fato, a escola é pensada em termos de relações circulares, dinâmicas e múltiplas. Percebemos assim que a roda traz elementos considerados por Suanno (2016, p. 86) como importantes para a construção de uma escola criativa para o tempo presente e futuro:

Realizar discussões políticas, econômicas e culturais, favorecer a participação e o engajamento em causas sociais públicas, ajudar os alunos a se perceberem com a importância que têm nos processos que influenciam, nem que sutilmente, é favorecer uma aprendizagem infinitamente para além dos conteúdos disciplinares, é respeitar a formação integral do indivíduo contribuindo com seu natural jeito de ser transdisciplinar, desde seu nascimento, e que o perdemos ao longo de tanto processo disjuntivo e dicotomizador da educação tradicional.

A roda enquanto vivência irrepitível e cotidiana na EPOK é atravessada pela concepção de que todo ser humano é criativo e que a educação escolar tem um papel fundamental para estimular e desenvolver integral e criativamente as pessoas, como afirma Torre (2008). Por meio da dialogicidade presente nos debates sobre as mais diversas questões e com o espaço para a abstração individual e a construção coletiva de ideias, a Odé Kayodê promove experiências para além dos limites disciplinares e disciplinadores da ciência moderna, evidenciando a potência pedagógica da diversidade cultural enquanto produtora de sentidos e modos para relações humanas e aprendizagens coerentes com a multidimensionalidade do ser humano.

Considerações circulares

Este texto parte de um estudo de caso em desenvolvimento sobre a Escola Pluricultural Odé Kayodê, especificamente uma pesquisa de mestrado. A escola estudada constrói sua proposta pedagógica a partir das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, sendo estas não somente conteúdos, mas potências construtoras de percursos metodológicos significativos enquanto vivências do cotidiano de crianças e adultos. Uma das práticas que se destaca na escola é a roda feita diariamente com todos os educadores e educandos conversando, brincando, rindo, resolvendo problemas, cantando, recitando poemas, organizando o dia, dentre outras possibilidades diversas e dinâmicas nos espaços aconchegantes da instituição.

Discutimos a roda como vivência em que se promove a criatividade e a formação do ser criativo, evidenciando que o individual e o coletivo não se separam, mas estão em relações férteis que fazem com que a escola seja uma comunidade de troca e colaboração. Por meio da circularidade a criatividade é despertada e desenvolvida por meio do uso de estratégias multidimensionais e com várias linguagens, possibilitando a expressão das crianças em um clima criativo de constante desafio a seu pensamento e a suas habilidades, a considerar também sua história de vida, suas emoções, seus conhecimentos.

211

Consideramos assim que esta prática pode ser entendida como criativa e inovadora, demonstrado que a EPOK tem indícios de ser uma escola criativa. Destacamos, sobretudo, que a fundamentação da roda como elemento criativo emergente no cotidiano da escola é aquilo que compreendemos como mais potente dentro da breve análise aqui realizada. A criatividade aparente na prática cotidiana da roda acontece na Odé Kayodê como revelação do potencial pedagógico de culturas historicamente negadas nos processos escolares.

Assim, ressaltamos que a valorização da pluralidade cultural enquanto fundamento basilar para pensar a educação pode impulsionar a caminhos e práticas pedagógicas plurais e necessárias para a educação feita com sujeitos habitados pelas diferenças culturais que se veem diante de um sistema educacional em falência. Urge renovar o pensamento pedagógico a partir de novas fontes culturais para além das ocidentais a fim de potencializar práticas outras e escolas outras permeadas pela criatividade e pela inovação insurgentes de um pensamento pós-abissal e intercultural..

Referências

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CANDAU Vera Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MORIN, Edgar. **O método I: a natureza da natureza**. 2. ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

PINHEIRO, Emicléia Alves. Escola Pluricultural Odé Kayodê – uma experiência de educação criativa: com respeito e diversidade. In: VI Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino, Goiânia, GO. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. **Perú Indígena**, vol. 13, nº 29, p. 11-20, 1992.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas. Descolonização, reinvenção escolar e filosofia africana ubuntu: uma relação possível. **Revista Três Pontos**. Vol. 12, nº 1, jan./jun., p. 5-17, 2015.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas de; LOPES, Cristiane Rosa. Educação brasileira e diversidade étnico-racial: a escola, a exclusão do negro e a necessidade de reinvenção escolar. **Revelli**, vol. 7, nº 2, dezembro, 2015.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas de; SUANNO, João Henrique. Tessituras em redes contra hegemônicas: práticas interculturais e transdisciplinares no interior de Goiás. **Anais...** IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias.

SUANNO, João Henrique. **Escola criativa e práticas pedagógicas transdisciplinares e ecoformadoras**. 2013. 309f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, 2013.

SUANNO, João Henrique. Por que uma escola criativa? **Polyphonia**, v. 27, nº 1, jan./jun., 2016.

TORRE, Saturnino de la. **Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa**. Trad. WIT Languages. São Paulo: Madras, 2008.